

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

232

INSCRIÇÕES 805-807



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ALTAR A I.O.M. DE A-DOS-FRANCOS (CALDAS DA
RAINHA)
(*Conventus Scallabitanus*)

Altar de mármore rosado da região (Fig.1), já com bastante pátina, identificado em 2018, na capela do cemitério de A-dos-Francos, freguesia de A-dos-Francos, concelho de Caldas da Rainha, distrito de Lisboa. A descoberta foi realizada por altura de trabalhos de prospeção arqueológica realizados pelo projeto plurianual de acróstico CARACARA.

A epígrafe encontra-se embutida numa parede de uma capela, por baixo de um altar de pedra do período contemporâneo, composto por nicho central, lateralizado por duas colunas (Fig. 2). A informação oral registada dos habitantes locais apontam-na como proveniente da descoberta, durante os anos 70, após um incêndio da antiga capela. Terá sido deixada na zona onde foi descoberta na altura.

O monumento tem molduras nas três faces visíveis, sendo que se pressupõe que também teria na zona traseira, como é comum nas aras romanas. Encontra-se fraturado na base, tendo destruída parte da inscrição.

Dimensões: 86,3 x 56,7 cm. (Não é possível obter a medida da espessura, uma vez que se encontra encastrada no próprio altar).

Campo epigráfico: 45 x 42,1 cm.

I OVI / OPTIMO / MAXIMO / Q(uintus) · CASSIVS / ⁵
CASSIANVS / A(nimo) L(ibens) [V(otum) P(osuit)]

A Júpiter Ótimo Máximo. Quinto Cássio Cassiano colocou de livre vontade.

Alt. das letras: l. 1: 7; l. 2 a 6: 6,1/6,9. Espaços: 1: 1,1/1,4; 2: 1,3/1; 3: 1,5/1,2; 4: 1,1/1,5; 5: 1,7.

Na linha 1, as letras foram gravadas espaçadas para ocuparem toda a largura, obedecendo aí à paginação segundo eixo de simetria. Nas demais, o *ordinator* optou pela paginação em caixa, inclusive (supomos) na última linha, de que se perdeu o ângulo direito.

Caracteres actuários, da 1ª metade do século I, requintadamente gravados com goiva: veja-se o caso do O de IOVI, bem circular e com sulco de largura graciosamente desigual para favorecer o claro-escuro. P aberto; M amplo; X e S simétricos; Q, A e O esguios.

Na l. 5, a fractura levou parte das três últimas letras, mas a palavra reconstitui-se bem, porque do S ainda resta a parte superior. Na l. 6, o *ordinator* terá omitido os pontos, dado haver espaço bastante entre as siglas; não se enxergam vestígios da 3ª sigla, que reconstituimos V.

Sobre a importância das dedicatórias a I. O. M. como forma de a população mostrar a sua adesão à cultura oficial não vale a pena acrescentar nada ao muito que sobre esse tema se tem escrito. A tese de Manuel Leitão¹, se outro mérito não tivesse, apresenta-nos esse de fornecer o inventário da ocorrência desse tipo de epígrafes em território actualmente português. Também esta foi patentada pelos qualificativos *Optimus* e *Maximus*.

O dedicante identifica-se com os *tria nomina*, sem filiação – quer por não ser ‘oportuna’ num texto à divindade, quer por ter origem indígena, é o que se costuma designar por *peregrinus*. Pertence a uma família assaz conhecida em *Olisipo* e no *ager Olisiponensis*², a dos *Cassii*, e o facto de lhe ter sido dado *cognomen* formado a partir do gentílico mostra grau avançado de aculturação por parte da família.

Ultrapassa a dezena e meia de testemunhos epigráficos do *nomen Cassius* em *Olisipo* e no seu território. Foram agentes abastados da população, se pensarmos que tem seu nome um célebre balneário da cidade, as *thermae Cassiorum*³, e que um dos *Cassii*

¹ LEITÃO (Manuel), *Fontes Epigráficas para o Estudo do Culto a Júpiter em Portugal*. Castelo Branco: Euedito, 2022.

² NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antropológico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 135-136, mapa 80.

³ SILVA (Rodrigo Banha da) e NOZES (Cristina), «As *Thermae Cassio-*

foi comerciante de azeite e deixou memória dessa sua actividade numa inscrição da Andaluzia⁴. Tem-se assinalado a possibilidade de os *Cassii* olisiponenses estarem relacionados, do ponto de vista comercial, com os de *Balsa*⁵, tendo em conta que é *L. Cassius Celer* um dos beneméritos que contribuiu para a construção do pódio do circo dessa cidade⁶. Aliás, já há muito que essa propensão para o comércio, por parte de elementos da *gens Cassia*, foi assinalada: Livia Bivona⁷ refere que, sendo originária da África Proconsular, a *gens Cassia* cedo se estabeleceu na Sicília a fim de melhor gerir os seus negócios.

Não admira, pois, que um dos seus elementos – para mais de pertença acentuada por lhe ter sido dado o *cognomen Cassianus* – ofereça este altar ao deus maior dos Romanos, agradecendo os benefícios recebidos e, simultaneamente, num apelo a que Júpiter o continue a proteger.

ALEXANDRA FIGUEIREDO ⁸

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ⁹

rum», in FERNANDES (Lídia) e FERNANDES (Paulo Almeida), *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo – A capital urbana de um município de cidadãos romanos – Espaço(s) de representação da cidadania*. Lisboa: Câmara Municipal, 2020, p. 69-79; ENCARNAÇÃO (José d'), «As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade?», in Jean-Gérard GORGES *et alii* [edit.], *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade*, Câmara Municipal de Cascais, 2009, p. 481-493. <http://hdl.handle.net/10316/12857>

⁴ LOYZANCE (Marie-France), «À propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, diffusor olearius», *Revue des Études Anciennes*, 88, 1986, p. 273-284.

⁵ DIAS (Maria Manuela Alves), «A família romana – Evolução na continuidade», in CAESSA (Ana) e CAMPOS (Ricardo) [coord.], *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo – Monumentos Epigráficos*. Lisboa: Câmara Municipal, 2019, p. 51.

⁶ ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 1984, inscrição n.º 76.

⁷ BIVONA (Livia), «La gens Cassia tra Africa e Sicilia», *L'Africa Romana IV* 1987 489-492.

⁸ Centro de Geociências / Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Subaquático – Instituto Politécnico de Tomar.

⁹ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



1



2

807